

## Livros. Comportamento

Quatro títulos que falam da evolução da homocultura atestam expansão do mercado

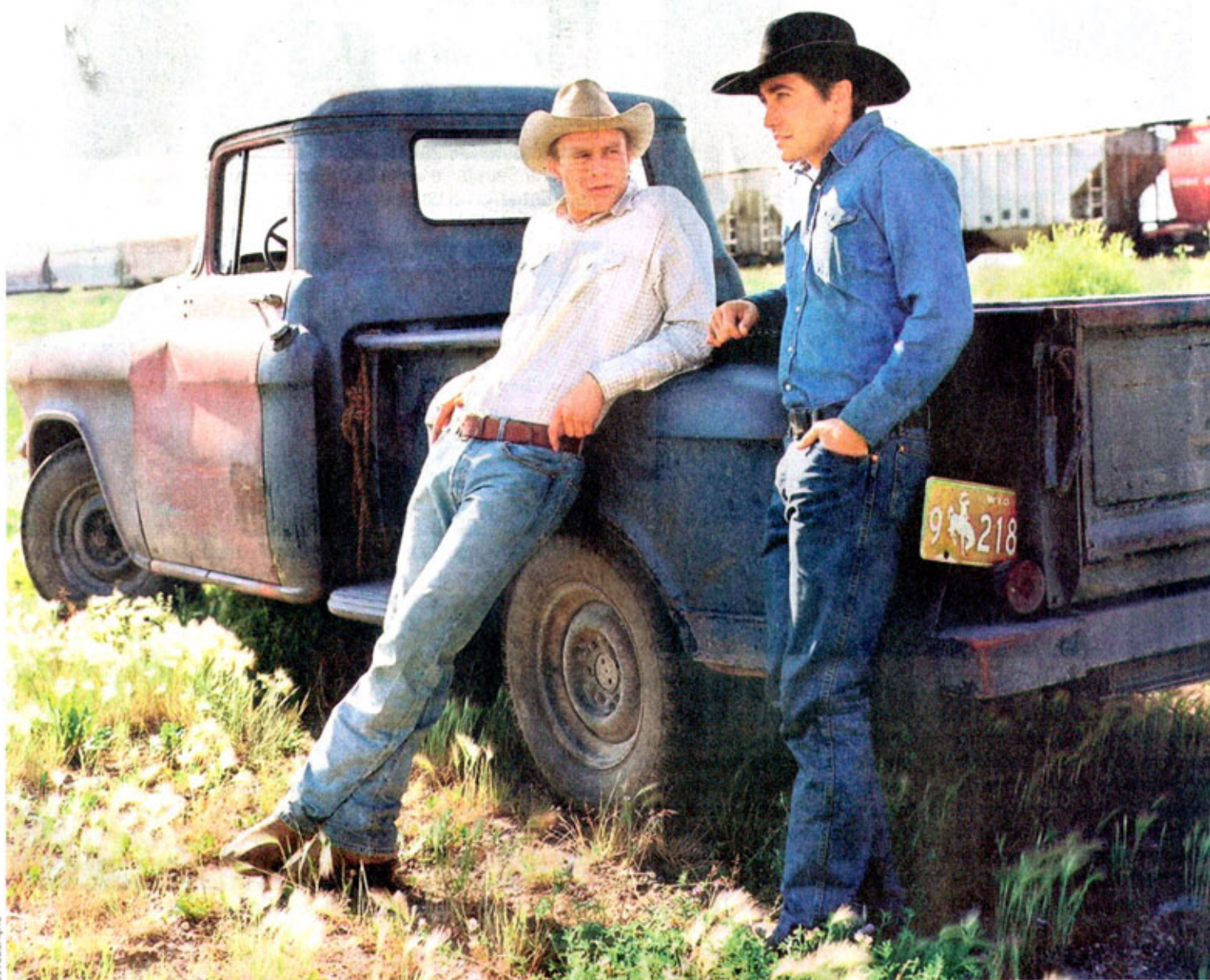
Antonio Gonçalves Filho

Mais de 2 milhões de pessoas devem acompanhar, hoje, a parada gay na Avenida Paulista. Muitos lembrarão que até mesmo no nome ela deve algo ao movimento gay americano e ao modelo que adotou, vindo dos EUA, mas o fato é que já existe uma homocultura brasileira que permite, por exemplo, o lançamento simultâneo de quatro livros sobre o assunto, um deles escrito por um padre inglês, católico, que escolheu o Brasil para viver, James Alison (leia entrevista nesta página), autor de *Fé Além do Ressentimento*. Os outros três livros, de alguma forma, dialogam entre si, tratando da evolução dessa homocultura não só no Brasil como no mundo.

*Retratos do Brasil Homossexual - Fronteiras, Subjetividades e Desejos* reúne ensaios apresentados no IV Congresso da Abeh - Associação Brasileira de Estudos da Homocultura, realizado em 2008. Em *Cine Arco-Íris* (Edições GLS), o ativista paulistano Steve Lekitsch faz um apanhado de 270 filmes com temática homossexual realizados nos últimos 100 anos. Finalmente, em *La Identidad Homossexual - De Platón a Marlene Dietrich*, Paolo Zanotti, professor italiano de Literatura, examina a formação da homocultura desde os antigos gregos até Marlene Dietrich, ícone gay por causa de filmes como *Marrocos*. Nos últimos anos de vida, a atriz estava tão obcecada pela ideia de que podia ser contaminada pelo vírus da aids que evitava abrir cartas de seus fãs homossexuais, carregando a filha de espalhar, após sua morte, que a mãe se contagiou pelo correio.

Essa revelação de *La Identidad Homossexual* vem seguida de uma interessante observação do autor. Zanotti, recorrendo à ensaísta americana Susan Sontag, diz que os gays reagiram à aids - e às atitudes adversas como a de Dietrich - usando a estratégia de dar uma imagem de si mesmos a mais saudável possível. Essa imagem de saúde pós-aids, que se traduz nos "sardos" da parada gay, coincide, segundo Zanotti, com o único ideal de autocontrole proposto em nossos dias - "o autocontrole em nome do corpo, da dieta, da forma física". Desde os anos 1980, esse ideal, diz o autor, se difunde com sucesso. O homem gay, conclui, "se converteu num

# A CULTURA GAY ATRAVÉS DOS TEMPOS



Amor de caubóis. Heath Ledger e Jake Gyllenhaal em *O Segredo de Brokeback Mountain*, êxito até fora do meio homossexual

exemplo mais aperfeiçoado do macho prototípico, um hedonista com corpo de ginasta."

Zanotti vai mais longe, citando Pasolini. Quando o cineasta

italiano se rebelou contra a "nova" homossexualidade, estaria justamente criticando a identificação dos gays com traços da cultura que o oprime. Talvez isso

explique o sucesso do filme *O Segredo de Brokeback Mountain* (foto maior), um dos analisados no livro *Cine Arco-Íris*, ao envolver dois caubóis rudes num relacio-

namento que termina de forma trágica, com um deles sendo espancado até a morte por homofóbicos. O autor do livro, Lekitsch, não adota o tom ensaístico de Zanotti. Escreve apenas pequenas sinopses dos filmes, esquecendo títulos fundamentais que tiveram um papel histórico na luta pelo reconhecimento dos direitos civis dos homossexuais, como *Meu Passado Me Condena* (Victim, 1961), o filme de Basil Dearden que ajudou a mudar a lei que considerava a homossexualidade crime na Inglaterra.

A homocultura e os direitos humanos, aliás, é o primeiro capítulo de *Retratos do Brasil Homossexual*. No texto inaugural, a advogada Maria Berenice Dias analisa a união homoafetiva na Constituição Federal e propõe a elaboração de um Estatuto da Diversidade Sexual, a exemplo dos estatutos do Idoso, da Criança e do Adolescente. A inexistência de um "discurso específico da homocultura", conclui o escritor

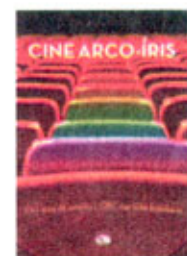
## SÃO SEBASTIÃO, O PADROEIRO MAIS COPIADO

● Desde que o escritor japonês Yukio Mishima publicou o romance autobiográfico *Confissões de uma Máscara*, em 1949, revelando a emoção do narrador diante de uma reprodução da tela pintada pelo italiano Guido Reni (foto ao lado), São Sebastião tem sido usado como exemplo do martírio gay - a atribuição dessa orientação sexual, no entanto, seria uma invenção do século 19, segundo o livro *La Identidad Homossexual*. De qualquer forma, depois

de Mishima, que posou vestido (ou melhor, despido) de São Sebastião para seu amigo Kishin Shinoyama, em 1963, o inglês Derek Jarman resolver dar a sua versão da história, realizando em 1976 o filme *Sebastiane* (disponível em DVD), em que o santo fala em latim que não está disposto ao sexo com seu superior militar. O alemão Magnus Hirschfeld (1868-1935), médico pioneiro na defesa dos direitos dos homossexuais, colocou o quadro de Reni na lista das obras de arte mais apreciadas pelos gays, dando margem a uma associação entre desejo homossexual e impulso sádico, tão controversa como as teorias do sexólogo. / A.G.F.



**FÉ ALÉM DO RESENTIMENTO**  
Autor: James Alison. Tradutor: Maurício G. Righi. Editora: É Realizações, 336 págs., R\$ 55



**CINE ARCO-ÍRIS**  
Autor: Stevan Lekitsch. Editora: Edições GLS, 272 páginas, sem ilustrações, R\$ 65,90.



**LA IDENTIDAD HOMOSSEXUAL**  
Autor: Paolo Zanotti Tradutor: Nuria Deaño. Editora: Fondo de Cultura, 280 págs., R\$ 94,40.



**RETRATOS DO BRASIL HOMOSSEXUAL** Autor: Horácio Costa. (organização). Editora: Edusp/Imprensa Oficial, 452 págs., R\$ 40.

João Silvério Trevisan no livro, revela que o movimento pelos direitos homossexuais no Brasil "continua tateando até hoje".

De qualquer forma, o papel dos pioneiros é lembrado no livro até por estudiosos estrangeiros como o acadêmico Robert Howes, do King's College de Londres. Ele analisa a obra literária do pouco conhecido escritor pernambucano Gasparino Damata, um dos criadores do *Lampião* (primeiro jornal gay brasileiro), que foi suboficial no United States Transportation Corps na 2ª Guerra e relatou sua experiência amorosa com um soldado americano em *Queda em Ascensão*, publicado depois *A Sobra do Mar* (1955), sobre um marinheiro que é desejado pelo capitão do navio, como o Querelle de Genet. Graças a Damata e outros pioneiros, como Adolfo Caminha, autor de *O Bom Crioulo*, os gays desfilam hoje, orgulhosos, em carros alegóricos, não em deprimentes viaturas de polícia.